

# RELAÇÕES LÉXICO-CULTURAIS: UM PASSEIO PELA TOPONÍMIA DAS LOCALIDADES DE FELIZ (RS)

Giselle Olivia Mantovani Dal Corno<sup>1</sup>  
Odair José Silva dos Santos<sup>2</sup>  
Vanessa Christ<sup>3</sup>

## RESUMO

Este artigo analisa aspectos históricos e culturais revelados na toponímia do município de Feliz, localizado no Estado do Rio Grande do Sul. A análise linguística proposta busca elementos que possam explicar de que modo itens lexicais, como os topônimos, podem carregar conteúdo semântico relacionado a esses aspectos. Os topônimos estão classificados de acordo com a taxonomia sugerida por Dick (1990). Os resultados obtidos mostram que a maior parte dos topônimos se refere a aspectos físicos, com predominância de geomorfotopônimos (quatro topônimos), fitotopônimos (dois topônimos) e hidrotopônimos (dois topônimos), o que associamos a um forte indício de marcas de regionalidade.

**Palavras-chave:** toponímia; relações léxico-culturais; Feliz (RS).

## Introdução

A relação entre linguagem e ação social é intensa, já que é possível perceber que “ninguém é um sujeito puro, fonte original de escolha e racionalidade, em certo sentido, o mundo social está povoado de herdeiros, caso se admita que a ausência de herança é ao menos aquilo que se herda” (PINTO, 2000, p. 58). Nesse contexto, “a cultura torna possível a transformação da natureza [...] A natureza, no homem, é inteiramente interpretada pela cultura” (CUCHE, 2002, p. 10).

Os atores sociais podem existir culturalmente e exercer a função de participantes de uma série de atividades habituais, enredadas em diversas ações individuais produzidas e reproduzidas. Contudo, conforme Bourdieu (1996), a cultura pode ser vista como um sistema constante de práticas que inclui ações físicas e materiais, que

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>2</sup> Doutorando em Letras na Universidade de Caxias do Sul. Professor Assistente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

<sup>3</sup> Acadêmica do curso de Geografia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

envolvem e significam uma dada comunidade. A língua caracteriza-se, nesse contexto, como um sistema imerso nos processos sociopolíticos e, ainda, nas redes que interligam ideias dentro de uma mesma cultura ou de uma cultura a outra.

De acordo com Biderman (2001, p. 179), um “sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”, continuamente se alterando, expandindo e por vezes contraindo. Oliveira e Isquierdo (1998, p. 9) afirmam que o léxico consiste no “saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-lingüístico-cultural”<sup>4</sup>. Por isso, “representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade”, e dessa forma, ao mesmo tempo ele “recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 9).

Talvez uma das manifestações linguísticas mais evidentes desse processo de “recorte/definição” se dê no caso da nomeação de realidades particulares, às quais se atribuem nomes próprios. Os estudos onomásticos (do grego *onomastikós*), no âmbito da lexicologia, investigam a origem e o significado dos nomes próprios, bem como se interessam pelos processos de nomeação em si. Duas das principais vertentes da Onomástica são a Antroponímia, o estudo dos nomes de pessoas, e a Toponímia, o estudo dos nomes de lugares.<sup>5</sup>

O presente artigo pretende refletir sobre as relações entre língua, cultura e identidade e sua manifestação no léxico toponímico. Partindo de um recorte do Projeto *Onomástica do Vale do Caí*<sup>6</sup>, analisamos, então, as denominações das treze localidades do município de Feliz, localizado na região do Vale do Caí, no Estado do Rio Grande do Sul. Ainda, procuramos explicar a motivação e os processos de nomeação, com base na proposta de classificação desses topônimos de acordo com a taxonomia proposta por Dick (1990).

### **Estudos toponímicos: interfaces entre língua, cultura e identidade**

---

<sup>4</sup> Optou-se por deixar-se a ortografia original nas citações de obras publicadas antes do Novo Acordo Ortográfico.

<sup>5</sup> Também referidos como Antroponomástica e Toponomástica.

<sup>6</sup> Projeto desenvolvido no IFRS – Câmpus de Feliz, sob a coordenação do Professor Odair José Silva dos Santos.

A ideia da cultura como um sistema de práticas, no âmbito das ciências sociais, inter-relaciona elementos como língua, mito, religião e arte, numa visão na qual esses “cumpram uma função política, ao mesmo tempo que parecem obedecer somente a uma lógica imanente” (PINTO, 2000, p. 78). No caso da língua, verifica-se que exerce também papel fundamental nas representações culturais, já que:

Uma língua é em si mesma um conjunto de práticas que integram não apenas um sistema particular de palavras e regras gramaticais, mas uma frequentemente esquecida ou soterrada luta por ostentar o poder simbólico de uma específica modalidade de comunicação, com seus próprios sistemas classificatórios, formas de referência e tratamento, léxicos especializados e metáforas. (DURANTI, 2000, p. 75)

Por sua vez, o léxico pode carregar os traços culturais de uma dada comunidade linguística, caracterizando-se como uma teia que, ao mesmo tempo, interliga e registra aspectos de cultura e identidade. Assim, percebe-se que os estudos da lexicologia têm “como uma de suas tarefas examinar as relações do léxico de uma dada língua com o universo natural, social e cultural, a transposição de uma realidade infinita e contínua a um número de lexias” (ANDRADE; DICK, 2012, p. 195).

A Onomástica, ramo de estudos da Lexicologia, dedica-se ao estudo dos nomes próprios e apresenta diversas ramificações, tais como o estudo dos antropônimos (nomes próprios de pessoas) e topônimos (nomes de lugares), entre outros. Para Andrade e Dick (2012), “a Toponímia e Antroponímia são co-responsáveis pela preservação dos fatos culturais em determinado espaço-temporal, funcionando como retentoras da memória de um grupo” (ANDRADE; DICK, 2012, p. 196). Na esteira dessas ideias, Isquerdo e Dargel (2014) definem o topônimo

como um índice de traços culturais, históricos e linguísticos de determinado espaço geográfico, uma vez que tanto elementos do espaço físico quanto traços de natureza antropocultural em geral são tomados como motivações pelo denominador quando necessita “marcar território” por meio da atribuição de um nome a um lugar. (ISQUERDO; DARGEL, 2014, p. 63)

Assim, corrobora-se que “lugar e cultura são dimensões cognitivas necessárias para compreensão do espaço geográfico, indissociáveis para leitura do mundo” (ANDRADE; PEREIRA; RIBEIRO, 2014, p. 130). Por compreender o léxico como itens particulares de determinadas comunidades linguísticas, pode-se destacá-lo também

como um traço de *regionalidade*, ou ainda, como característica possível de uma dada *região*.

Para Dick (2004),

O recorte do espaço, em distintos campos léxico-semânticos, é arbitrário, fruto da cultura linguística do grupo, em que emissor e receptor, nomeador e objeto nomeado, ou denotante e denotado, exercem papéis significativos, e em função dos paradigmas disponíveis no sistema e da mensagem a construir; a resultante, no caso da toponomástica, será o sintagma toponímico ou topônimo, em sentido amplo, como marcados dos locais a serem identificados. (DICK, 2004, p. 122-123).

É notável, então, a necessidade da interdisciplinaridade nos estudos toponímicos, pois se torna indispensável a pesquisa concomitante em áreas como a história e a geografia com a finalidade de buscar fatos e dados que expliquem, ou auxiliem na explicação, as motivações para cada topônimo. É importante destacar, ainda, que “a realidade circundante, na qual os objetos, seres e cousas são recortados pela linguagem, a fim de se inserirem num sistema onomasiológico de identificação, está em constante mudança e dinamismo” (DICK, 2004, p. 122).

A análise descrita na sequência, segue o modelo de classificação toponímico proposto por Dick (1990), a partir da categorização em uma taxionomia dividida em dois grupos: os de natureza física (com 11 taxes) e os de natureza antropocultural (com 16 taxes).

### **Toponímia das localidades de Feliz (RS): uma leitura linguístico-cultural**

O município de Feliz localiza-se no Vale do Caí - um conjunto de vinte municípios localizados entre a capital e a serra do Estado do Rio Grande do Sul (RS), predominantemente colonizados por alemães, açorianos e italianos (ASSMANN, 2009, p. 40). Pertencia, inicialmente, ao município de São Sebastião do Caí, do qual se emancipou em 1959. Sua origem, porém, é bem anterior a isso. Já em 1888, a então Picada Feliz (*picada* = estrada precária aberta a facão) foi elevada à condição de vila. Atualmente com uma área territorial de 96km<sup>2</sup> e uma população estimada em 13 mil habitantes (segundo dados da Prefeitura Municipal de Feliz, de 2013), o município está localizado na microrregião de Montenegro e na mesorregião Metropolitana de Porto Alegre, capital do RS. Feliz limita-se a leste com Linha Nova; a oeste com Bom

Princípio; ao norte com Alto Feliz e Vale Real; ao sul com São José do Hortêncio e São Sebastião do Caí.

A figura a seguir apresenta um mapa onde se pode visualizar a localização geográfica da cidade, bem como sua posição no mapa do Estado do Rio Grande do Sul.

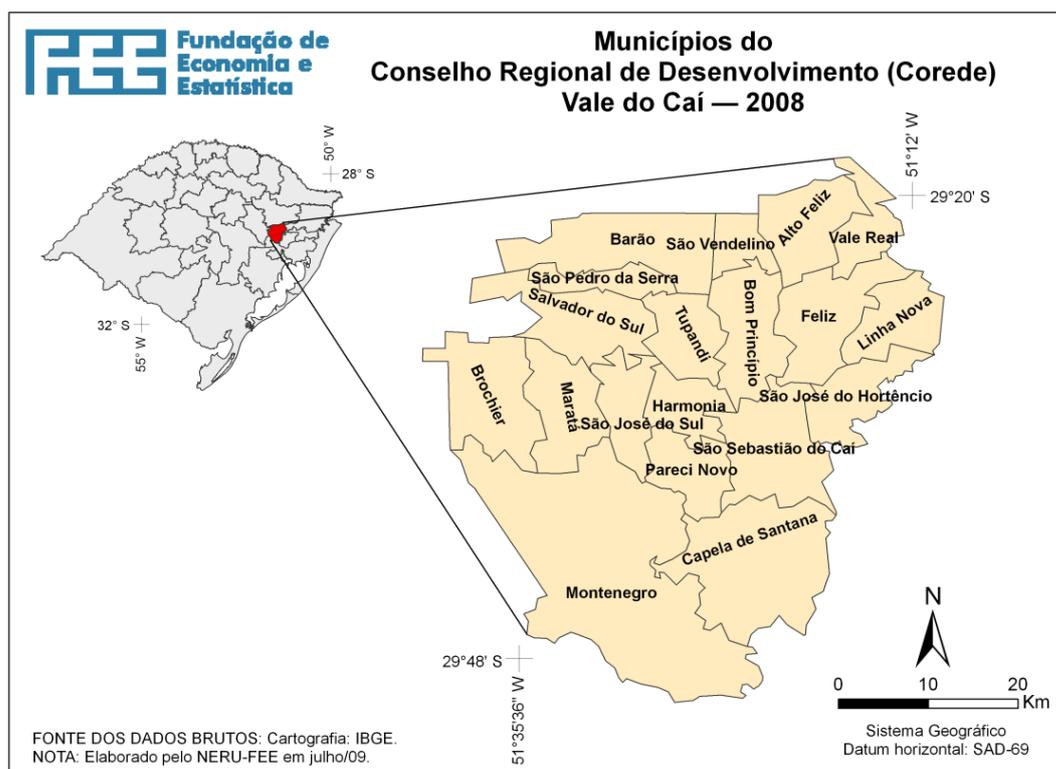


Figura: Mapa do Vale do Caí  
Fonte: NERU-FEE

O município de Feliz compreende treze localidades: Arroio Feliz, Bananal, Bom Fim, Coqueiral, Escadinhas, Linha Temerária, Morro das Batatas, Nova Caxias, Picada Cará, Roncador, São Roque, Sobra da Bela Vista e Vale do Lobo. Nesse espaço rural predomina a agricultura familiar voltada para a subsistência e para o comércio. Além disso, são mantidos nuances da cultura alemã, notáveis em antigas construções, que atualmente são consideradas patrimônio cultural da cidade, assim como em festividades locais, que fazem alusão a costumes alemães (ASSMANN, 2009, p. 40). Segundo o Plano Diretor Participativo do município, duas dessas localidades são consideradas atualmente parte da malha urbana, embora não tenham recebido oficialmente o título de bairro.<sup>7</sup>

7 Além desses, os outros cinco bairros, também não constituídos oficialmente, são: Centro, Bela Vista, Matiel, Vale do Hermes e Vila Rica.

O quadro 1 a seguir apresenta as denominações das localidades, incluindo nomes anteriores à denominação atual, se houver, e aponta dados (reais ou hipotéticos) sobre os motivos para a nomeação, que vêm explicitados na sequência.

Quadro 1 – Denominações das localidades de Feliz

Localidade	Nomes anteriores	Motivação da nomeação
Arroio Feliz	<i>Kaudenbach</i>	Relação com o arroio (arroio Feliz) que atravessa a comunidade e deságua no rio Caí.
Bananal	-----	Um dos moradores possuía um vale cheio de bananeiras.
Bom Fim	-----	Conflito na posse de terras entre indígenas e os primeiros imigrantes não apresentou nenhuma vítima, tendo um desfecho favorável.
Coqueiral	<i>Palmenthal</i>	Predominância de coqueiros no local.
Escadinhas	-----	Rocha natural em forma de escadas que se estende ao longo do rio Caí.
Sobra da Bela Vista	-----	Porção territorial disputada entre dois municípios.
Linha Temerária	-----	Localização remota com relação à sede, apresentando situações de risco e temor
Morro das Batatas	-----	Grande número de pedras em forma de batata-doce encontradas por ocasião da construção da igreja da localidade.
Nova Caxias	-----	Possível semelhança econômica com a cidade de Caxias do Sul.
Picada Cará	<i>Thawaks Thal</i>	Relação com o arroio (Arroio Cará).
Roncador	-----	Uma cascata que faz muito barulho em época de cheia, imitando o barulho de um ronco. No local vivem também muitos macacos, que emitem tal som.
São Roque	<i>Bohmenthal</i>	Homenagem a um dos três mártires Rio-grandenses: Roque Gonzales.
Vale do Lobo	-----	Primeiro morador da localidade foi um imigrante alemão, cujo sobrenome era Wolf, que significa <i>lobo</i> . Como fica situada entre dois morros, surgiu o Vale do Lobo.

Fonte: elaboração dos autores.

A localidade de Arroio Feliz teve como primeiro nome Kaudenbach. Há referências ao sobrenome de um morador da localidade, o qual tinha um moinho e morava perto do arroio Bach. (ASSMANN, 2009, p. 97). Considerando que Bach significa “arroio” em alemão, hipotetiza-se também que *kauden* seja uma corruptela de

*kalten* (*kalt* = frio), resultando em *Kaltenbach*, que significaria “arroio frio”.<sup>8</sup> Na Era Vargas, durante a Segunda Guerra Mundial, com a proibição das línguas de imigração, houve a mudança do nome para Arroio Feliz, devido à existência de um arroio (arroio Feliz) que atravessa a comunidade e deságua no rio Caí.

A localidade de Bananal, antes parte da Picada Cará, teve origem na necessidade de se instalar uma nova mesa eleitoral por causa do aumento da população. O nome surgiu porque um morador, Guilherme Kayser, possuía um vale cheio de bananeiras. Os parentes, quando vinham visitá-lo, gostavam muito de comer as tais bananas e comentavam: “Vamos ao Kerb<sup>9</sup> das bananas!”. Após o desmembramento da Picada Cará, passou a se chamar Bananal (ASSMANN, 2009, p. 98-99).

A localidade de Bom Fim foi marcada por conflitos na posse de terras entre imigrantes e índios, que habitavam o local denominado na época como “Terra dos Buga”. Luís “Buga”, líder indígena, foi capturado pelos primeiros imigrantes de São Vendelino. Ele cresceu lá sem ter conhecido seus pais e, insatisfeito com a vida naquele lugar, descobriu que havia indígenas que viviam numa caverna na localidade que hoje é Bom Fim. Então fugiu para juntar-se a eles. Tempos depois, após longas conversas, chegaram a um acordo. Não havendo nenhuma vítima nos confrontos, a localidade recebeu o nome de Bom Fim (ASSMANN, 2009, p. 100). É interessante aqui observar que *Buga* é uma corruptela de “bugre”, designativo comum aos silvícolas habitantes da região no século XIX.

A história de Coqueiral teve início em 1824, quando eram distribuídos lotes de terras aos primeiros imigrantes vindos da Alemanha para a cidade de São Leopoldo. As primeiras famílias são todas descendentes de alemães, vindas em 1824 da Alemanha para São Leopoldo; após, colonizaram a região. A localidade era denominada primeiramente de Palmenthal, devido à predominância de coqueiros no local. (ASSMANN, 2009, p. 101-104). Observe-se aqui o emprego do nome genérico *Palm(en)* para referência aos coqueiros (podem ser também palmeiras), ao qual se agrega o substantivo *Thal*, grafia alterada de *Tal* (= vale). Assim como outras localidades, em função da Segunda Guerra Mundial, o nome em alemão foi substituído por um nome luso, Coqueiral.

---

8 Esta e as demais explicações sobre os vocábulos em alemão nos foram gentilmente prestadas por Flávia Gisele Saretta (Letras-UCS), a quem agradecemos.

9 Palavra alemã que refere, de acordo com Houaiss (2002), um baile popular nas zonas de colonização alemã.

A localidade de Escadinhas é povoada, em sua maior parte, por famílias vindas de Santa Catarina em busca de trabalho. O nome é proveniente de um acidente geográfico, localizado à margem esquerda do rio Caí. Trata-se de uma rocha natural em forma de escadas que se estende ao longo do rio. Essa é considerada uma das belezas naturais da localidade (ASSMANN, 2009, p. 104-106).

Com a emancipação de Bom Princípio, a faixa de terras do lado direito da Estrada Júlio de Castilhos passou a pertencer ao município recém-criado. Inconformados com essa situação, alguns líderes municipais, como Orestes Gabardo e Clóvis José Assmann, solicitaram auxílio do então presidente da Assembleia Legislativa, Cezar Schirmer, para resolver o problema. Através de um decreto legislativo, a “Sobra da Bela Vista” passou a pertencer ao município de Feliz (ASSMANN, 2009, p. 106-107).

A localidade de Linha Temerária recebeu colonizadores de uma região da Áustria chamada Tirol, e esses se dedicavam à agricultura de subsistência (ASSMANN, 2009, p. 107-108). A divisão das terras inicialmente destinadas aos imigrantes era feita obedecendo-se a “linhas” ao longo das quais estavam dispostos os lotes de terra, por isso eram comuns os topônimos iniciando com o elemento “Linha”, tanto na região de colonização alemã quanto na de colonização italiana. Supõe-se que, provavelmente por causa da distância da sede, essa localidade apresentava certo perigo ou risco aos moradores ou aos que lá se dirigiam e, assim, recebeu essa denominação (“temerário” = arriscado).

A história da localidade de Morro das Batatas teve início em 1992. Com a emancipação política de Alto Feliz (cidade vizinha), a maior parte dessa localidade passou a pertencer ao novo município. Entretanto, uma pequena parte dos moradores resolveu optar por continuar pertencendo a Feliz, devido à proximidade com a sede do município. O nome surgiu devido ao grande número de pedras, em formato semelhante ao de batata-doce, encontradas por ocasião da construção da capela, a qual foi construída com esse tipo de pedra (ASSMANN, 2009, p. 108).

Os primeiros moradores de Nova Caxias pertenciam a famílias de origem alemã. A vegetação predominante é a acácia-negra, que em sua maioria é comercializada. A base da economia é a agricultura minifundiária, voltada à produção de leite, hortaliças, arroz, feijão, batata e outros (ASSMANN, 2009, p. 108-109). Especula-se que a denominação se deva justamente ao relativo desenvolvimento econômico da localidade,

o que a faz de certo modo semelhante, nesse quesito, à cidade de Caxias do Sul, localizada na região de colonização italiana, na encosta superior a nordeste do RS.

Os primeiros moradores de Picada Cará também são de origem alemã. É cortada por um arroio chamado Cará, que tem sua nascente em Nova Caxias, passa por São Roque e desemboca no rio Caí. O primeiro nome dado para a localidade foi Thawaks Thal, pois havia grandes plantações de tabaco no início da colonização alemã. (ASSMANN, 2009, p. 109-110). Tem-se no topônimo original uma corruptela de vocábulo em alemão, *Tabak*, ao qual se agregou o substantivo *Tal* (= vale) com grafia modificada. Novamente tem-se um caso de topônimo em língua de imigração que foi modificado em função da Segunda Guerra Mundial, em que é feita alusão à estrada precária (= picada) que levava às habitações às margens do arroio.

A localidade de Roncador teve origem por volta de 1870, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães, que se estabeleceram nas partes altas e cultivavam nas planícies. O arroio que banha a localidade chama-se Três Mares. Esta faz divisa com os municípios de São José do Hortêncio, São Sebastião do Caí e Bom Princípio, além das localidades de Vale do Lobo e Escadinhas (ASSMANN, 2009, p. 110-111). Segundo o dicionário Aulete Digital, o substantivo “roncador” é um regionalismo comum no norte do Brasil para referir “cachoeira”, dado confirmado pelo Houaiss, que indica a acepção de “queda d’água”. Esse dado pode indicar como motivação do topônimo a cascata formada no arroio Três Mares: em época de cheia, especialmente, o ruído provocado pelo grande fluxo de água resulta em um som alto, como um “ronco das águas”.

O primeiro nome da localidade de São Roque era Bohnenthal, pois diziam que uma das primeiras famílias de imigrantes tinha o sobrenome Bohn (= vale dos Bohn). Mas, na realidade, as primeiras famílias eram de sobrenome Ost e Glaeser. (ASSMANN, 2009, p. 111-113). Assim, outras hipóteses podem ser lançadas para a denominação inicial. Uma delas (sem possibilidade de comprovação, por ora) refere-se ao significado de Bohn como substantivo comum: feijão (= vale do feijão). Assim como outras localidades, com o fim da Segunda Guerra Mundial, o nome foi alterado para um nome em português, sendo feita uma homenagem a um dos três mártires rio-grandenses, o padre jesuíta Roque Gonzales, morto em 1628 por índios nativos que se opunham à catequização promovida pelos padres missionários.

Os primeiros moradores de Vale do Lobo eram de origem alemã e dedicavam-se à agricultura de subsistência, como os de sobrenome Stein, Martiny, Nienow, Auler, Lorscheiter, Kayser, Boettcher, Seidel, entre outros. Especula-se também a existência de

um morador de sobrenome Wolf, que significa “lobo”, o que teria motivado a denominação. O relevo é formado por vales e morros de mata nativa e reflorestada. A economia baseia-se na hortifruticultura (ASSMANN, 2009, p. 113-115).

No quadro 2, a seguir, propõe-se uma classificação dos topônimos referentes às localidades de Feliz de acordo com a taxonomia sugerida por Dick (1990), que prevê 27 taxes. Respeitamos aqui a proposta original da autora de basear a classificação no primeiro elemento do signo toponímico.

Quadro 2 – Classificação toponímica das localidades de Feliz (RS)

<b>Classificação</b>	<b>Localidades</b>
Animotopônimo	Bom Fim
Corotopônimo	Linha Temerária
Cronotopônimo	Nova Caxias
Fitotopônimo	Bananal Coqueiral
Geomorfotopônimo	Escadinhas Morro das Batatas Sobra da Bela Vista Vale do Lobo
Hagiotopônimo	São Roque
Hidrotopônimo	Arroio Feliz Roncador
Hodotopônimo	Picada Cará

Fonte: elaboração dos autores.

Algumas observações quanto a essa tentativa de classificação devem ser feitas. Como mencionado acima, respeitamos a proposta de Dick (1990) de atribuir a taxa ao topônimo de acordo com o primeiro elemento do sintagma toponímico, no caso de nomes compostos. Assim, *Arroio Feliz* é um hidrotopônimo por causa de “arroio”. No entanto, em alguns desses sintagmas é de se questionar: não seria a parte mais significativa desse sintagma o adjetivo “feliz”, remetendo a um estado de ânimo? Ter-se-ia, assim, um animotopônimo.

Seguindo essa linha de raciocínio, será possível em *Nova Caxias* dissociar a ideia de cronologia contida em “nova” de toda a conotação de “cidade grande” relacionada a “Caxias”? Ter-se-ia, em se observando esse outro critério, um corotopônimo.

O caso de *Linha Temerária* é ainda mais interessante. Como mencionado anteriormente, todas as terras destinadas aos colonos imigrantes estabelecidos no Rio

Grande do Sul no século XIX foram divididas em linhas e essas, por sua vez, em lotes. Assim, na classificação que leva em conta o primeiro elemento do sintagma toponímico, qualquer “linha” estaria representada pela mesma taxa. No entanto, é o elemento especificador desse sintagma que realmente lhe acrescenta significado. Nesse caso, é a associação à ideia do risco que representava a localidade o que a define como manifestação de conteúdo histórico e cultural. Assim, novamente, seguindo esse critério, ter-se-ia uma nova classificação: um animotopônimo. Não bastasse isso, há ainda o fato de essa localidade ter recebido inúmeros imigrantes do Tirol, região limítrofe entre a Áustria e a Alemanha, ora pertencendo a um, ora a outro país.<sup>10</sup> Ainda hoje em dia os habitantes de Feliz referem-se a essa localidade como *Tirol*. Assim, o nome popular, não oficial, poderia ser considerado um cronotopônimo.

Ao tecer essas observações, não pretendemos de forma alguma desconsiderar a grandiosa contribuição do pioneiro trabalho da estudiosa Maria Vicentina Dick para os estudos toponímicos no Brasil. Pelo contrário, são as próprias palavras de Dick que nos fazem refletir sobre a impossibilidade de dissociar a história e a cultura dos nomes dados a pessoas e lugares, quando afirma que a Onomástica é

muito mais do que um mero fator auxiliar do agir e do viver individual ou coletivo; é índice de rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população. (DICK, 2007, p. 144)

Assim, constata-se que há, nos topônimos identificados e analisados, traços e marcas da história das localidades, da cidade e da região e, ainda, a relação da comunidade com a configuração geográfica regional. Dessa forma, identificam-se regionalidades e especificidades que são recortes típicos da comunidade local, revelados, nesse caso, por meio do ato de nomear.

### **Algumas considerações**

A análise da classificação toponímica das localidades do município de Feliz (RS) revela a predominância de marcas de regionalidade, manifestas em topônimos de natureza física: nos quatro geomorfotopônimos (Escadinha, Morro das Batatas, Sobra

---

<sup>10</sup> Em função dessa constante mudança durante o século XIX, muitos imigrantes da região do Tirol eram chamados pejorativamente pelos imigrantes italianos de *tirolesi senza bandiera* (“tirolezes sem bandeira”), conforme explicam Frosi, Dal Corno e Faggion (2006, p. 3027).

da Bela Vista e Vale do Lobo), a denominação busca enaltecer as características do relevo local, enquanto os fitotopônimos (Bananal e Coqueiral) remetem à vegetação típica, pelo menos em algum momento, e os hidrotopônimos (Arroio Feliz e Roncador) lembram peculiaridades dos cursos d'água da região.

A investigação aqui proposta, além de analisar alguns aspectos linguísticos e culturais da região do Vale do Caí, particularmente do município de Feliz, objetivou também registrar dados que possam ser acessados pela comunidade local para que reconheça nos nomes das localidades uma parte de sua história. Pretende-se que esses dados, posteriormente, venham a contribuir para a construção de um pequeno Atlas Onomástico do Vale do Caí, resgatando, assim, elementos da história, da cultura e da identidade local marcados no léxico.

Registramos também nossa homenagem à professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick que, com sua índole de pesquisadora e questionadora, incita pesquisadores ao longo das gerações a aprofundar investigações e lançar novas hipóteses que poderão eventualmente ser corroboradas por outros pesquisadores dessa fascinante área de estudos linguísticos que é a Toponímia.

## Referências

ANDRADE, Karylleila dos Santos; PEREIRA, Carolina Machado Rocha Bush; RIBEIRO, Eduardo. Atlas Toponímico do Tocantins – ATT: prática interdisciplinar para o estudo dos lugares a partir de software. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani (orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. VII. Campo Grande: Editora da UFMS, 2014, p. 129-166.

ANDRADE, Karylleila dos Santos; DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A interdisciplinaridade no contexto escolar: reflexões iniciais de uma proposta aplicada ao ensino. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. VI. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012, p. 193-207.

ASSMANN, Beatriz Edelweis Steiner (Org.). **Feliz**: ontem e hoje. Porto Alegre: Corag – Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, 2009.

ASSOCIAÇÃO dos Municípios do Vale do Caí. **Famílias pioneiras**. Disponível em: <<http://www.amvarc.com.br/>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

DICIONÁRIO online Caldas Aulete. Disponível em: <[www.aulete.com.br](http://www.aulete.com.br)>. Acesso em: 29 jun. 2015.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2. ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. 2. ed. São Paulo: FFLCH, 1990.

\_\_\_\_\_. *Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotônimos na onomástica brasileira*. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. II. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004, p. 121-130.

\_\_\_\_\_. Atlas toponímico do Mato Grosso do Sul. In: Revista Trama. v. 3 n. 5, p.141-155, jan./jun.2007. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/965/828>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

DURANTI, Alessandro. *Antropología lingüística*. Trad. Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

FROSI, Vitalina M.; DAL CORNO, Giselle O. Mantovani; FAGGION, Carmen Maria. *Topônimos na RCI: resgate da identidade cultural*. In: XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística. 2006. **Anais...** Uberlândia: UFU, 2006. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_370.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_370.pdf)>. Acesso em 26 jun. 2015.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. Versão 1.0.5a.

ISQUERDO, Aparecida Negri; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Hidronímia e toponímia: interinfluências entre meio ambiente e história. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. VII. Campo Grande: Editora da UFMS, 2014, p. 63-80.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998 (vol. I).

PINTO, Louis. *Bourdieu e a teoria do mundo social*. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

PREFEITURA Municipal de Feliz. Disponível em: <[www.feliz.rs.gov.br](http://www.feliz.rs.gov.br)>. Acesso em: 29 jun. 2015.

PREFEITURA Municipal de Feliz. *Plano diretor participativo: leitura da realidade*. Relatório de Cláudia Damásio e Grace Machado. Feliz: Fevereiro de 2013. Disponível em: <<http://feliz.rs.gov.br/cidadao/plano-diretor/>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

ROQUE Gonzales de Santa Cruz. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikemidea Foundation, 2015. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Roque\\_Gonzales\\_de\\_Santa\\_Cruz](https://pt.wikipedia.org/wiki/Roque_Gonzales_de_Santa_Cruz)> . Acesso em 26 jun. 2015.

## **LEXICAL-CULTURAL RELATIONS: A TOUR OF THE TOPONYMY OF THE LOCATIONS FROM FELIZ (RS)**

### **ABSTRACT**

This paper aims at investigating historical and cultural aspects revealed by the toponyms of the city of Feliz, located in the state of Rio Grande do Sul (RS), Brazil. The linguistic analysis proposed looks for elements that may explain how lexical items carry semantic content related to those aspects. Toponyms are classified according to the taxonomy suggested by Dick (1990). Results show that most of the toponyms refer to physical aspects, with a predominance of geomorphotoponyms (four toponyms), phytotoponyms (two toponyms) and hydrotoponyms (two toponyms), which may be strongly associated to the regional characteristics of the place.

**Keywords:** toponymy; lexical-cultural relations; Feliz (RS).

Recebido em 08/02/2017.

Aprovado em 30/05/2017.